Ano IX - Edição 193
De 30/9 a 06/10/2004
Colaboração: R$ 2

AGORA NAS BANCAS O JORNAL DO PSTU

UMA VOZ DE OPOSIÇÃO DE ESQUERDA AO GOVERNO LULA

GREVES SACODEM O PAÍS

VOTE NO PSTU. O PARTIDO DAS LUTAS

■ **RICOS** *A revista Forbes publicou uma lista com as 400 maiores fortunas do mundo. Juntas elas detêm mais de U$S 1 trilhão, o equivalente a 10% do PIB norte-americano.*

PÁGINA DOIS

■ **FORTALEZA** *Luizianne Lins (PT), abandonada pela cúpula petista, cresceu nas pesquisas e com isso Inácio Arruda (PCdoB) pode não ir para o segundo turno das eleições municipais.*

PÉROLA

"Teremos de aumentar nossos esforços para não ter de ir embora, rezar e esperar que algo aconteça"

COLLIN POWELL, *secretário de Estado dos EUA, reconhecendo que o crescimento da resistência iraquiana ameaça a continuidade da ocupação.*

O WALDOMIRO DE PALOCCI

A Folha de S.Paulo divulgou transcrições de grampos telefônicos que indicam a manipulação das licitações e acordos entre empresas de lixo em São Paulo. As gravações indicam o envolvimento de Rogério Buratti, ex-secretário de Palocci, quando este era prefeito de Ribeirão Preto (SP). De acordo com as gravações, Buratti, na época presidente de uma empresa de coleta de lixo, teria recebido informações privilegiadas sobre as licitações. Buratti é um reincidente dos escândalos nacionais. Ele já foi acusado de ter sido indicado por Waldomiro Diniz para receber propina para renovar contratos entre a multinacional Gtech e a Caixa Econômica Federal.

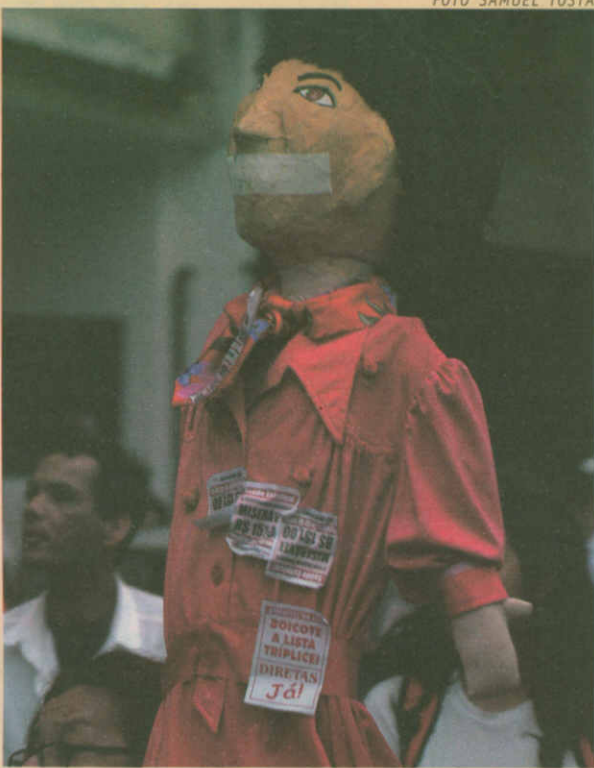



FOTO SAMUEL TOSTA

Em greve há 100 dias, servidores públicos cariocas protestam com boneco da governadora Rosinha

ESTRELANDO: CÉSAR MAIA

O prefeito do Rio de Janeiro, César Maia (PFL), é a nova estrela da propaganda do candidato do PT à prefeitura de Nova Iguaçu, o oportunista Lindberg Farias. A gravação do programa foi realizada a toque de caixa na favela-bairro de Acari e foi interrompida com a notícia que a polícia estava ocupando a região.

MORREU LIVIO MAITÁN

Livio Maitán foi um dos dirigentes da Refundação Comunista, da Itália, dirigente histórico da IV Internacional e um dos principais quadros e impulsionadores da corrente conhecida como Secretariado Unificado (SU), junto com Ernest Mandel. Frente aos principais temas da luta de classes no pós-guerra, tivemos acordos e desacordos. Entre os desacordos, estão os temas relacionados aos métodos de luta guerrilheira, concepções de partido revolucionário e sobre a atitude dos revolucionários diante da Revolução Sandinista, em 1979. O SU, de Livio Maitán, considerou o governo sandinista como um governo revolucionário que deveria ser apoiado incondicionalmente, e os partidos da IV Internacional deveriam ser dissolvidos no interior da Frente Sandinista.

O papel do PT e do lulismo foi nosso último grande debate. Coerente com sua trajetória, Livio e sua corrente no Brasil, a Democracia Socialista, impressionados com o fenômeno petista, os apoiou de forma incondicional, da mesma forma que apoiaram os sandinistas.

Nossas diferenças políticas não nos impedem de reconhecer em Maitán um importante dirigente que, no pós-guerra, teve a tarefa de levar adiante a bandeira do trotskismo.

Após seis edições, o **Opinião Socialista** interrompe a sua distribuição em bancas. A experiência, feita no período da campanha eleitoral, mostrou que há espaço para uma publicação de esquerda e de oposição ao governo nas bancas. Aos novos leitores, que acompanharam esta estréia, deixamos o convite para assinar o jornal, visitar nossas sedes e conhecer o partido.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01321-010
e-mail: opiniao@pstu.org.br
Fax: (11) 3105-6316

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana
(MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Cecília Toledo, Cláudia Costa, Diego Cruz, Fausto Barreira Filho, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Wilson H. Silva, Yara Fernandes

PROJETO GRÁFICO
Gustavo Sixel

DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel e Mônica Biasi

CAPA
Fotos Agência Brasil, Alexandre Leme e Diego Cruz

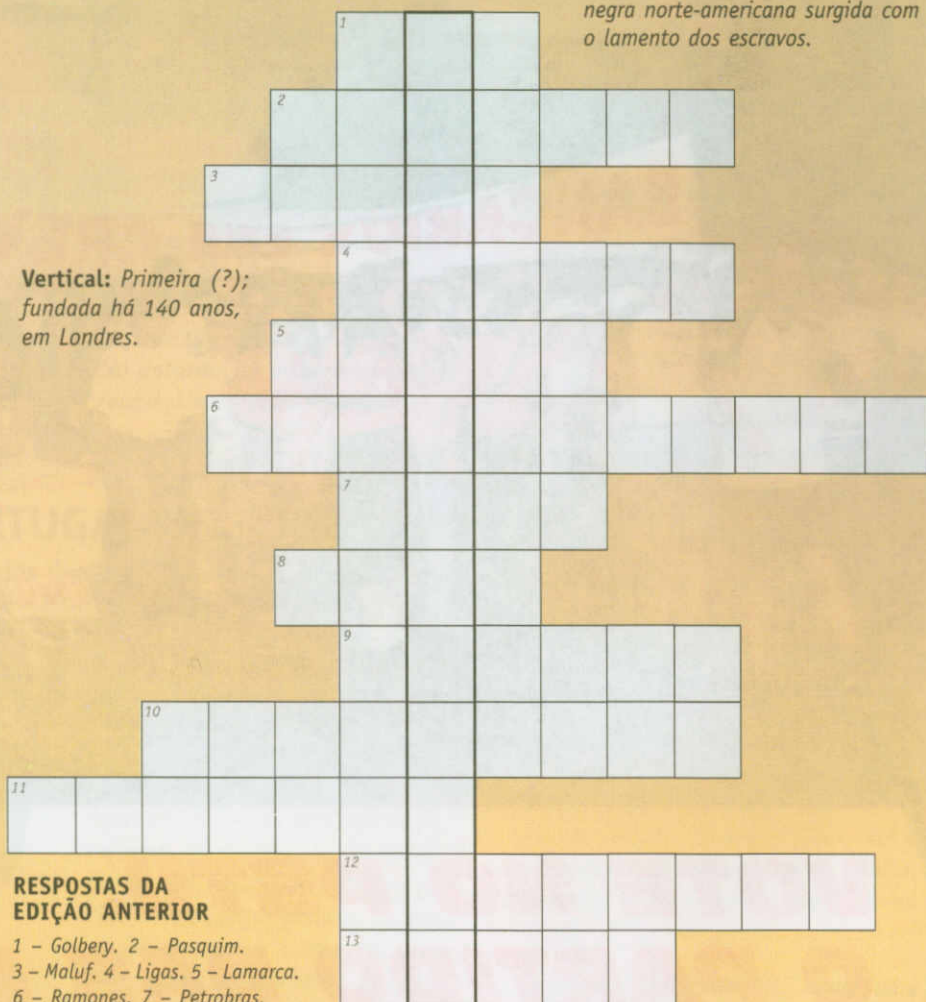
IMPRESSÃO
Gráfica Lance (11) 3856-1356

ASSINATURAS
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas
(11) 3105-6316

PALAVRAS CRUZADAS

POR JEFERSON CHOMA

1. *Cidade da passeata dos 100 mil, em 1968.* **2.** *Jimmy (?); guitarrista.* **3.** *Cidade ucraniana onde se realizaram os primeiros encontros dos vencedores da 2ª Guerra.* **4.** *Orson (?); cineasta de "Cidadão Kane".* **5.** *Líder da Revolução Francesa, editor do jornal "O amigo do povo".* **6.** *Organismos geneticamente modificados.* **7.** *Companheira do cangaceiro Corisco.* **8.** *Plebiscito contra a (?), realizado em 2002.* **9.** *Psicólogo suíço.* **10.** *Líder fascista italiano.* **11.** *Primeiro homem no espaço.* **12.** *Cidade onde ocorreu um levante de judeus.* **13.** *Música negra norte-americana surgida com o lamento dos escravos.*

Vertical: *Primeira (?); fundada há 140 anos, em Londres.*

RESPOSTAS DA EDIÇÃO ANTERIOR
1 - Golbery. 2 - Pasquim. 3 - Maluf. 4 - Ligas. 5 - Lamarca. 6 - Ramones. 7 - Petrobras.

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010
(11) 3105.6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Av. Comendador Leão, 526 Poço (82) 3278125 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. José Antônio Siqueira, 941, Laguinho (96) 9965-0612 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro (92)234.7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36 - Nazaré (71)321.3632 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 - Centro alagoinhas@pstu.org.br
ILHÉUS - R. Conselheiro Dantas, 20 - Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 - Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA - Rua C - Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700 - Benfica
BARRA - Rua Tulipa, 250 - Jardim Iracema
GRANJA PORTUGAL - Rua Taquari, 2256
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - R. Santa Cecília, 480A, bairro Salesiano

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62)212-9969 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Rua dos Afogados, 169 sl 8 Centro (98)258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 Jd. Leblon (65)9956.2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 3840144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31)3201.0736
CENTRO - FLORESTA Av. Paraná 191, 2° andar - Centro
BARREIRO -Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5 Pça Via do Minério
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34)3312.5629 – *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 226.3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (Entre Cristovão Colombo e Pimenta Bueno) (91)227.8869 / 247.7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195 - Bairro Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94)326.3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/n° (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391 -1° andar - Centro (83)241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Rua Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

RECIFE -Rua Leão Coroado, 20/1° andar, Boa Vista (81)3222.2549 *recife@pstu.org.br*
CABO DE SANTO AGOSTINHO R. José Apolônio n° 34 A - Cohab

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
PRAÇA DA BANDEIRA - Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689
JACAREPAGUÁ - Praça da Taquara, 34 sala 308
DUQUE DE CAXIAS -R. das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - R. Visconde de Itaboraí, 330 - Centro (21) 2717.2984 *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Souza Cardoso, 147 - Vila Amélia *friburgo@pstu.org.br*
NOVA IGUAÇU - Rua Coronel Carlos de Matos, 45 - Centro
VALENÇA - valenca@pstu.org.br
VOLTA REDONDA Rua 2, 373/101 - Conforto

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201.1558
ZONA NORTE - Av. Maranguape, 2339 Cj. Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - Rua General Portinho, 243 (51) 3286.3607 *portoalegre@pstu.org.br*
BAGÉ - Rua do Acampamento, 353 - Centro - (53) 242.3900
CAXIAS DO SUL - Rua do Guia Lopes, 383, sl 01 (54) 9999.0002
GRAVATAÍ - R. Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484.5336
PASSO FUNDO - XV Novembro, 1175 - Centro - (54) 9982-0004
PELOTAS - Rua Santa Cruz, 1441 - Centro (53) 9126.7673 *pelotas@pstu.org.br*
RIO GRANDE - (53) 9977.0097
SANTA MARIA - (55) 9989.0220 - *santamaria@pstu.org.br*
SÃO LEOPOLDO - Rua João Neves da Fontoura,864 Centro 591.0415

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313.5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 (tv. da R. Parapuã,1800) V. Brasilândia (11) 3925.8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo Pça do Forró) - São Miguel
ZONA SUL
Campo Limpo – R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Santo Amaro – Av. João Dias, 1500 - piso superior
BAURU - R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14)227.0215- *bauru@pstu.org.br* *www.pstubauru.ig.com.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19)3235.2867- *campinas@pstu.org.br*
CAMPOS DO JORDÃO - Av. Frei Orestes Girard, 371 sala 6 - Bairro Abernéssia (12)3664.2998
FRANCO DA ROCHA - R. Washington Luiz, 43 Centro
GUARULHOS
R. Miguel Romano, 17 - Centro (11) 6441.0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953.6122
LORENA -Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro
MOGI DAS CRUZES - Rua Dr. Côrreia, n° 191 - Bairro Shangai - Mogi das Cruzes - SP (11) 4796-8630 *www.pstu.org.br/altotiete*
RIBEIRÃO PRETO R. Saldanha Marinho, 87 Centro (16)637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2° andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO CAETANO DO SUL - R. Eng. Rebouças, 707 Oswaldo Cruz (11) 4238.7883
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15)211.1767 *sorocaba@pstu.org.br*
SUMARÉ -Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

AS LUTAS E AS ELEIÇÕES

FOTO ALEX LEME

Sem pedir permissão ao PT, à CUT ou às direções dos sindicatos, os bancários e outros setores dos trabalhadores entraram em greve.

A resposta não demorou: a grande imprensa faz campanha contra as greves, sempre mostrando os problemas que trazem aos usuários dos serviços paralisados. O governo Lula foi cúmplice da repressão à greve bancária, apoiando-se na ação jurídica dos banqueiros e na polícia. A OAB promoveu um ato reacionário em São Paulo contra a greve do Judiciário.

Tudo isso tem uma explicação: as greves se chocam diretamente com o plano econômico do PT, que é o mesmo do PSDB-PFL. Esses partidos estão do outro lado da trincheira, junto com os banqueiros. Os aumentos salariais se chocam com a essência dos planos neoliberais. Não é por acaso que todos os outros partidos não apóiam as greves em seus programas eleitorais.

O governo Lula deu outro presente aos banqueiros, além da elevação da taxa de juros: no último dia 20, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, anunciou mais um aperto fiscal ao elevar a meta de superávit primário de 4,25% do Produto Interno Bruto, definidos em acordo com o FMI, para 4,50%.

Isso significa que o governo vai tirar da saúde, da educação e da reforma agrária, até o fim do ano, mais de R$ 75,8 bilhões – o acordo original com o Fundo previa R$ 71,5 bilhões.

VOTAR NO PSTU é construir uma ferramenta a serviço das lutas dos trabalhadores

Motivo para muita comemoração entre os tubarões do sistema financeiro, que, talvez, nunca tenham imaginado contar com um governo tão subserviente aos seus interesses. É importante lembrar que já no início de sua administração, o governo do PT elevou a meta de superávit primário de 3,75% para 4,25%.

Lula discursou na abertura da Assembléia Geral da ONU, pregando a "guerra contra a fome", enquanto seu governo aumenta o superávit primário e reprime a greve bancária. Não pode permitir aumentos salariais (o que seria central para acabar com a fome), e nem mesmo os programas assistencialistas do governo, como o Fome Zero, são poupados. Tudo para garantir o superávit.

É necessário construir outra referência de esquerda nas lutas e nas eleições. Um partido vem se destacando na contra-corrente de todos os outros: o PSTU não só apóia as greves, como tem entre seus quadros vários dirigentes das mesmas. O pouco tempo de TV da campanha eleitoral do partido foi direcionado para o apoio às greves, incluindo a cessão do tempo para um informe do comando da greve do Judiciário de São Paulo, a convocatória de assembléias dos bancários, a denúncia da repressão.

Não é por acaso que o PSTU está sendo hoje conhecido como o "Partido das Lutas", tomando o lugar que foi do PT no passado. Apoie as greves dos trabalhadores. E apoie o partido das lutas, o PSTU, nas eleições do dia 4 outubro.

FALA ZÉ MARIA

Aos militantes do P-SOL

José Maria de Almeida, o Zé Maria, é Presidente Nacional do PSTU e coordenador da Conlutas

CHAMAR VOTO NULO quando existe uma alternativa de esquerda, na prática, significa reforçar os partidos burgueses

Em vários pontos do país, a direção do Partido Socialismo e Liberdade, o P-SOL, está orientando os seus militantes e apoiadores a votar em partidos burgueses ou que fazem parte da base de sustentação do governo Lula.

Em Goiânia, a principal figura pública do P-SOL, o vereador Elias Vaz (que é membro do MTL, uma das correntes do partido, mas que segue filiado ao PV para concorrer à reeleição) coligou-se com o PTC (Partido Trabalhista Cristão), um partido de direita que já serviu de legenda de aluguel para Fernando Collor e Celso Pitta. Já em Maceió, Heloísa Helena está apoiando Régis Cavalcante, do PPS de Ciro Gomes, ministro de Lula. Heloísa também está cumprindo papel relevante na campanha de Jandira Feghali, do PCdoB, no Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, no resto do país, a direção do P-SOL está chamando seus militantes a votarem nulo, alegando a inexistência de outra alternativa. Para nós do PSTU isso é mais do que um equívoco. É uma forma pouco sutil de tentar evitar que os votos de milhares de lutares sejam dados ao PSTU.

Defender o voto nulo pode ser uma excelente tática no caso de não haver uma alternativa de esquerda. Isso vai ser, por exemplo, uma realidade nas cidades que tiverem segundo turno, onde é mais que provável que se defrontem candidaturas governistas e da oposição de direita. Mas quando existe uma alternativa de esquerda revolucionária, ainda que não se tenha acordo completo com ela, é um enorme erro o chamado ao voto nulo. Na prática, isso significa reforçar o potencial dos partidos majoritários, na medida em que se recusa a construir uma alternativa de luta. Não se trata somente de um absurdo sectário, mas de um reforço aos partidos governistas e de direita.

Essa alternativa de esquerda, concorde ou não a direção do P-SOL, está sendo construída nas greves e nas lutas dos bancários, dos servidores do Judiciário, dos professores, dos estudantes, dos metalúrgicos e de tantas outras categorias. Lutas que, no campo eleitoral, estão sendo representadas por candidaturas do PSTU. Por isso, chamamos todos os militantes do P-SOL e todos aqueles que estão envolvidos nessas lutas a votarem nos únicos candidatos que, no decorrer de toda a campanha, se colocaram totalmente a serviço da vitória dos trabalhadores: os candidatos e candidatas do PSTU.

PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADAS (PPPs) E COMITÊS DE EMPRESÁRIOS DO PT: A CAMPANHA PELA REELEIÇÃO DE LULA JÁ COMEÇOU

DIANTE DA PERDA de suas bases trabalhadoras, o PT procura sustentação nos empresários

IRANILSON BRASIL, especial ao Opinião Socialista*

Para quem acompanha o site do PT, as suspeitas do senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), a cerca da grossa corrupção nas PPPs, o que lhe gerou ameaças de dirigentes do PT, já vinham sendo sentidas. No dia 02/10/2003, Lula afirmava, no artigo "O tempo de vacas magras acabou", a quem e sob que condições pretendia entregar (privatizar) os serviços públicos brasileiros.

Dizia ele: "*Terminamos agora o PPA (Programa Plurianual), vamos agora chamar empresários brasileiros e internacionais para saber quem está disposto a fazer, primeiro, parcerias com o governo, as chamadas PPPs. Segundo, quem está disposto a pegar alguma obra para fazer por concessão do governo e, terceiro, quem quer fazer obra com financiamento do BNDEs, ou quem tem dinheiro próprio. Ou seja, nós temos estradas, nós temos ferrovias, nós temos hidroelétricas, nós temos hidrovias*".

Na tradição política brasileira, uma entrega de patrimônio nacional dessa envergadura gera direito à contrapartida. Para um partido experiente e decidido pelo poder, como o PT transgênico, diante da perda de suas bases trabalhadoras que já há muito não se reúnem em comitês de bairros, de fábricas, de sem-teto, não seria surpreendente que buscasse capitalizar uma nova base de sustentação.

AS PPPs garantem aos investidores grandes lucros sem nenhum risco

O fato é que às vésperas da aprovação do projeto de PPPs na Câmara dos Deputados, (no dia 16/04/2004), o *site* do PT apresentava a seguinte informação: "Diretório Nacional do PT lança Comitês de Empresários".

Um novo dirigente partidário, o empresário paulista José Carlos Almeida, coordenador nacional do PT na formação desses comitês, informava, orientava e concluía sobre essa campanha: "*A idéia é irradiar comitês pelos 5.300 municípios onde o PT está organizado (...) Só a atitude de apoio de empresários conhecidos a candidaturas petistas numa localidade tem impacto significativo sobre o eleitorado*". Para o empresário petista, "*os comitês recomendam, também, a arrecadação de fundos de campanhas (...) Os comitês continuam atuando após a eleição, com acompanhamento da aplicação de programas de governo e proposição de políticas públicas ao legislativo e executivo municipais*" O empresário conclui que "*assim manteremos esta força ativa para outras eleições*".

Feito o percurso destas informações facilmente acessadas no *site* do PT, passamos a comentar as desmesuradas garantias (lucro sem risco) dadas ao empresariado e a vergonhosa margem de manobras nas licitações que são oferecidas ao executivo federal no projeto das PPPs apresentado pelo governo Lula.

As aberrações do projeto do governo são tantas que têm gerado uma certa grita entre os próprios setores interessados.

A situação chega a ser trágica para os partidos burgueses tradicionais, como PFL e PSDB, visto que estão se sentido ameaçados pelo desemprego, pois, aquilo que tentaram fazer durante o governo FHC, cobrando um custo elevado aos *lobbies* econômicos, o governo Lula está prometendo fazer de maneira mais eficiente, mais rápida e talvez numa negociação menos dispendiosa. Isso levou a que Tasso Jereissati, do PSDB, chamasse o projeto de "*um convite à corrupção e a maior promiscuidade da história deste país*". Tasso, que pertence a um partido especialista em desmonte do patrimônio público, ainda disse que o projeto "*está cheio de más intenções*".

Tudo isso torna-se mais grave quando vemos a CUT chamar pelo pacto social para dar sustentabilidade a esse governo. O próprio Luiz Marinho defende as PPPs.

Como podemos observar, a situação continua preocupante para os servidores públicos, que podem acabar sendo substituídos por trabalhadores terceirizados, e para a população, que tende a pagar serviços mais caros e de menor qualidade como os de energia elétrica e saúde.

DEFENDER O SERVIÇO PÚBLICO

As PPPs atingirão todos os serviços públicos. Acabamos de ver a licitação de áreas petrolíferas já pesquisadas pela Petrobras. Na educação, Lula está garantindo o lucro dos tubarões do ensino com a compra de vagas nas universidades privadas. As CACs do INSS estão sendo terceirizadas. Na Aduana, os fiscais dependerão, para cumprirem seus deveres, de equipamentos controlados por empresas privadas. Até a dívida ativa pode ter sua cobrança transferida aos bancos. Ou seja, estamos retornando a uma situação pior que a dos tempos da República Velha, quando todos os serviços públicos estavam nas mãos de empresários privados majoritariamente estrangeiros.

Nesse contexto, só resta uma saída aos trabalhadores brasileiros, o caminho da luta: lançar uma grande campanha em defesa da soberania nacional e em defesa dos serviços públicos; unificar as lutas, solidarizando-se com as campanhas de trabalhadores que estão em curso; engrossar a marcha contra as reformas neoliberais de Lula, marcada para 25 de novembro em Brasília e, fortalecer o encontro da Conlutas no Fórum Social Mundial, em 2005.

*** DIRETOR DO SINDICATO DOS AUDITORES FISCAIS DA RECEITA FEDERAL (UNAFISCO)**

FOTO AGÊNCIA BRASIL

José Alencar, Lula, José Dirceu e Palocci, em reunião com empresários

SAIBA MAIS

O QUE SÃO AS PARCERIAS PÚBLICO-PRIVADAS

Depois da onda privatizante que varreu a América Latina na década de 1990, as instituições financeiras mundiais – FMI e Banco Mundial – vêm recomendando uma nova forma de privatização dos serviços públicos: as Parcerias Público-Privadas (PPPs).

De acordo com o projeto das PPPs, obras de empreendimento em infra-estrutura seriam realizados por empresas privadas que receberiam dinheiro público para realiza-las. Ou seja, teriam seu lucro garantido por meio do financiamento do Estado. O projeto ainda prevê que, para garantir o cumprimento das obrigações com o "parceiro privado", no caso as empresas e empreiteiras, o governo pode vincular suas receitas tributárias a esse pagamento ou ainda vender os próprios bens da União. Esses empreendimentos poderão ser estendidos à áreas como saneamento, estradas e escolas. Contudo, a aprovação das PPPs não garante o fornecimento de serviços públicos de qualidade para a população, e ainda pode significar um aumento das tarifas públicas, já que esses serviços passariam a ser controlados pelas empresas operadoras. Dessa forma, a população mais pobre do país corre o risco de ficar sem acesso a esses serviços.

Além disso, as PPPs podem se tornar uma grande fonte de corrupção.

(DA REDAÇÃO)

CRISE E CAOS NO PODER JUDICIÁRIO

A GREVE DE 90 DIAS dos trabalhadores do Poder Judiciário de São Paulo expôs a crise da instituição. Ela já havia sido percebida antes, através das denúncias de corrupção, da *Operação Anaconda* e com um velho conhecido, o juiz *Lalau*

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do PSTU

O Judiciário, um aparato de repressão do Estado contra a classe trabalhadora, é também atingido pela falta de verbas e pela corrupção. É uma instituição monstruosa, lenta e obsoleta. A sobrecarga de processos é grande. A atual política econômica diminui salários e aumenta o desemprego, ampliando os problemas sociais e causando todos os tipos de violações dos Direitos Civil, Trabalhista e Penal.

A Justiça é lenta, porque permite manobras para adiar decisões, que em geral são muito bem utilizadas pelas grandes empresas para escapar do pagamento de dívidas com o Estado ou com o trabalhador. A Fiat, sozinha, tem por volta de 4.796 processos em tramitação, o que representa 28% de seus atuais funcionários.

A Justiça é corrupta, e os ricos nunca terminam punidos nem têm suas propriedades confiscadas, porque sempre há um juiz à venda para resolver o problema.

Um processo, submetido a todas as instâncias, pode durar até seis anos. Os pobres não têm condições de pagar advogados, nem de esperar tanto, sendo na maior parte das vezes derrotados, ou tendo de fazer acordos rebaixados com as empresas.

Crescem os processos, mas não na mesma proporção da quantidade de servidores, prédios e equipamentos. Atualmente existe um juiz para cada 29 mil habitantes (na Alemanha é um para cada 3.500 pessoas; nos EUA um para cada nove mil). O Supremo Tribunal Federal (STF) julga mais de 40 mil processos por ano, enquanto a Suprema Corte dos EUA julga menos de 100.

Neste quadro de caos, o governo tenta impor a reforma do Judiciário como a busca de uma "Justiça" mais moderna e integrada à comunidade, com controle social sobre essa instituição. Trata-se, no entanto, do oposto.

A RECEITA DO BANCO MUNDIAL AO JUDICIÁRIO

A reforma do Judiciário do governo não vem para tornar a Justiça mais ágil ou menos corrupta. Vem, como as outras reformas de FHC e Lula, para adequar a Justiça brasileira ao neoliberalismo e à Alca. Toda a reforma está sendo feita segundo a determinação do Banco Mundial, que, no relatório *Policy Research Working Paper nº 2.382*, de junho de 2000, critica a demora na execução para reconhecimento das dívidas e no recebimento de valores. Um texto de 1996 do mesmo banco aponta a necessidade de *"um efetivo reforço, definição e interpretação dos direitos e garantias sobre a propriedade"*.

Segundo o juiz de Trabalho Hugo Cavalcanti Melo, citado na revista *Reportagem* nº 58, o texto do Banco Mundial faz três recomendações. A primeira das recomendações é que a cúpula possa impor suas decisões a todo o Judiciário. A tradução disso para a reforma Judiciária no Brasil é a chamada súmula vinculante. Isso significa que, se o STF decidir sobre uma determinada matéria, todos os juízes de primeira instância não poderiam contrariar a decisão. O juiz que descumprisse isso estaria sujeito a processo por crime de responsabilidade e o Tribunal poderia cassar ou reformar a decisão. A alegação é reduzir o numero de processos nos tribunais superiores, mas o verdadeiro motivo é que, assim, o governo, ao ter controle sobre o STF, passaria a impor suas decisões ao Judiciário.

Essas medidas prejudicariam claramente os mais carentes, pois, apesar do Poder Judiciário de conjunto ser um instrumento da burguesia, às vezes, em instâncias inferiores, os trabalhadores podem ter algumas vitórias, fundamentalmente pela proximidade do juiz com a realidade dos fatos.

FOTO AGÊNCIA BRASIL

Lula, na posse de Nelson Jobim no Supremo Tribunal Federal

Por exemplo, quando o governo Collor confiscou a poupança da população, enquanto o STF apoiou a medida ou ficou omisso, os juízes de primeira instância foram desbloqueando a poupança. No final, o STF teve de recuar.

A súmula vinculante impõe a vontade do STF, que responde à política do governo (que tem maioria em sua cúpula). Isso será muito útil para o governo, por exemplo, para impor a reforma Trabalhista, na qual, provavelmente, haverão inúmeras decisões de juizes contrárias à perda de direitos dos trabalhadores, como férias e décimo-terceiro.

PREPARANDO O CAMINHO PARA A ALCA

A segunda orientação do Banco Mundial é a *"criação de mecanismos alternativos de resolução de conflitos"*. A alegação é que assim a Justiça seria mais ágil, com instituições extra-judiciais que poderiam resolver mais rapidamente as questões. Isso na verdade já está sendo aplicado, antes mesmo da reforma, com leis como a de Arbitragem (de 1996) e nas Comissões de Conciliação Prévia de Conflitos Trabalhistas (de 2000). Estas comissões têm crescido pelo país, e são um instrumento para forçar os trabalhadores a aceitar acordos rebaixados para evitar anos de espera na Justiça comum.

AO CONTRÁRIO do que diz a propaganda oficial, a reforma do Judiciário não dará à população um maior controle da Justiça

A Lei de Arbitragem abre espaço para que haja um árbitro privado (estrangeiros inclusive) para decidir conflitos entre, por exemplo, um governo municipal e uma empresa multinacional.

Um dos destaques a serem votados no Senado é exatamente para explicitar que as entidades públicas (como os governos) também podem ser submetidos a esta arbitragem privada. Ela é diretamente uma preparação para a Alca, e, na prática, impede a Justiça brasileira de determinar a resolução de conflitos com as multinacionais no Brasil, transferindo a decisão para cortes ou árbitros privados no estrangeiro.

SOB O CONTROLE DO PLANALTO

A terceira orientação do Banco Mundial é a criação de um controle externo sobre o Judiciário. Esta é uma das propostas da reforma que mais consegue apoio popular, na medida em que existe uma enorme desconfiança da Justiça. A reforma não dará à população um maior controle da Justiça. Apenas permitirá uma maior interferência do governo e do Congresso.

O Conselho Nacional de Justiça, que seria a expressão deste controle externo, teria em sua composição cinco magistrados, um advogado e três congressistas, ou, ainda, outras propostas, sempre com juízes, deputados, promotores e advogados. De povo mesmo, nem o cheiro.

Não está prevista a eleição direta dos juízes. A eleição desses funcionários pela população os obrigaria a ter um pouco mais de equilíbrio nos julgamentos e parcialidade com os oprimidos. Os magistrados deveriam ser vistos como funcionários públicos, o que implicaria na perda de seus privilégios, como as remunerações especiais, e no fim dos cargos vitalícios.

NA PÁGINA 8, LEIA SOBRE A GREVE DOS TRABALHADORES DO JUDICIÁRIO DE SÃO PAULO

GREVES COMOVEM O BRASIL

A onda de lutas e de greves que percorre o país de norte a sul já é considerada a maior dos últimos anos. A luta dos bancários, que passaram por cima das direções da CUT governista e protagonizam a maior greve da categoria desde 1991, é a mais importante delas. Outras categorias, como petroleiros, metalúrgicos e funcionários públicos, também ameaçam cruzar os braços nos próximos dias.

GREVE BANCÁRIA ENTRA EM CENA E DESPERTA SIMPATIA EM TODO O PAÍS

MARIÚCHA FONTANA,
da Direção Nacional do PSTU

Quando escrevemos esta matéria, a greve nacional bancária completa 12 dias e vive um momento decisivo. Mesmo com o cansaço acumulado, a vanguarda piqueteira do Banco do Brasil (BB) e da Caixa Econômica Federal (CEF) está superando uma barreira difícil: a greve se mantém e vai se aproximando das eleições.

O governo Lula e os banqueiros apostam no cansaço para derrotar a mobilização e não podem permitir que a greve chegue até o fim de semana, o que poderia desestabilizar o indefinido quadro eleitoral.

A greve tem a simpatia da população e está dando um exemplo para outros setores. Ela tem um significado histórico por várias razões. Há uma década os bancários não realizavam uma greve nacional unificada. Um dos batalhões pesados dos trabalhadores brasileiro, com grandes greves na década de 1980, os bancários sofreram pesados ataques nos anos 1990 e amargaram um grande refluxo. Os banqueiros demitiram metade da categoria em nível nacional, e impuseram perdas salariais nos últimos 10 anos que variam de 36,49% nos bancos privados a 74,82% no BB e 85,58% na CEF. Neste mesmo período os banqueiros viram seus lucros crescerem em 1.000%.

Esse quadro de refluxo e de sucessivas perdas foi facilitado pela direção cutista-petista, que passou a praticar um sindicalismo de conciliação com os banqueiros em todos esses anos, o que se agravou com a eleição de Lula.

FOTO DIEGO CRUZ
Passeata dos bancários em São Paulo, na sexta, 24 de setembro

REBELIÃO DE BASE CONTRA DIREÇÃO IMPÕE A GREVE

A greve se impôs e passou por cima dos sindicatos e da Confederação Nacional dos Bancários (CNB) – CUT que defenderam a proposta rebaixada com a Fenaban (Federação dos Nacional dos Bancos), de 8,5% de reajuste. Rebelião dessa magnitude só havia ocorrido em 1985, quando os bancários passaram por cima da velha pelegada.

Em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília, assembléias massivas no dia 14 passaram por cima dos sindicatos e da CUT, e votaram não apenas a rejeição da proposta, mas a deflagração imediata da greve. Alguns sindicatos, como o do Rio de Janeiro, já tinham desistido de "bancar" a proposta da Fenaban/CNB-CUT, mas defendiam o início da greve para o dia 21. Foram atropelados.

Em São Paulo, coração da *Articulação Bancária*, a diretoria do Sindicato foi recebida com vaias e com gritos de protestos *"eu, eu, eu, o sindicato se vendeu"* e *"pelegos!"*. No final, deram as costas para a mesa e a diretoria, quando essa defendeu a aceitação da proposta e a não greve. A votação pela greve foi de mais de 90%.

O BANCÁRIO, A GREVE E A POLÍTICA

Os bancários – especialmente dos bancos públicos – entenderam que seus sindicatos têm de ser retirados das mãos dos governistas da CUT e do PT, especialmente onde eles se chocaram com o movimento como em São Paulo.

A direção do Sindicato de São Paulo, a Fenaban e, por fim, o ministro Berzoini, disseram em diferentes momentos que *"a greve era do PSTU"*, e que tinha motivações eleitorais. Na verdade, eles queriam que os banqueiros seguissem tendo o apoio da mídia, com o silêncio cúmplice dos outros partidos em campanha.

Mas isso não surtiu o efeito desejado por eles. A base viu que, na linha de frente dos piquetes, junto com a vanguarda do BB e da CEF, estava o **PSTU** e a *Oposição Bancária*, ligada à Conlutas.

A desconfiança das massas nas direções da CUT impôs, através das assembléias e comandos de São Paulo e do Rio, representantes de base para acompanhar a negociações. No Rio, a assembléia foi duríssima. A diretoria cercou a mesa de segurança e não queria deixar votar. Em São Paulo, na assembléia em que a Oposição queria fazer tal proposta, a mesa, também cercada, impediu que os integrantes da Oposição falassem e tentou encerrar a assembléia, desligando o som e se retirando do local. Mas a assembléia massiva seguiu instalada, esperando a fala da Oposição. Até que Dirceu Travesso falou, com a assembléia repetindo suas palavras para que todos pudessem ouvi-lo. No dia seguinte, a direção recuou e aceitou integrar Dirceu nas negociações.

A vanguarda que surge em bancários mescla antigos lutadores, com uma nova geração cheia de gás, embora às vezes inexperiente. A *Oposição Bancária* nos principais centros é uma referência de massas. O grande desafio é construí-la nesta greve com todos os novos ativistas, preparando futuros e ainda mais importantes enfrentamentos.

Dirceu Travesso, candidato do PSTU à Prefeitura de São Paulo, é preso duas vezes no piquete

LUTAS MUDAM CENÁRIO POLÍTICO

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Houve uma mudança na conjuntura do país, mais importante que qualquer um dos possíveis resultados eleitorais. O ciclo de greves, que tem como símbolo maior a greve bancária, mostra o maior momento de mobilização sindical desde o início do governo Lula. A greve do funcionalismo público do ano passado teve grande repercussão, por se enfrentar diretamente contra o governo na reforma da Previdência. Mas o atual ciclo grevista tem um peso maior por distintos motivos.

O primeiro é que os bancários têm um grande peso na economia do país, e causam maior impacto sobre os outros setores da sociedade.

O segundo é que, desta vez, mais setores estão em luta. Na esteira da greve bancária, vem a mobilização de petroleiros, químicos e outros. Os metalúrgicos de São Paulo só não foram à greve porque tiveram aumentos reais, e agora virá a campanha de metalúrgicos de outros estados, como Minas Gerais. Outros setores do funcionalismo também estão em luta, como os judiciários em muitos estados, professores de Santa Catarina e funcionários da UERJ.

O terceiro é que estão ocorrendo greves longas, que se enfrentam com os patrões e o governo. A greve do Judiciário de São Paulo foi a maior da história. A dos bancários é a maior desde 1991.

CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENCANTO COM GOVERNO FAVORECEM AS GREVES

Toda a década de 1990 foi marcada pela aplicação dos planos neoliberais e pelo desemprego e o arrocho. O desemprego levava a insegurança para as lutas salariais. Ao lado disso, as direções da CUT e do PT ajudaram a frear as mobilizações, com sua estratégia eleitoreira e de acordo com os patrões (câmaras setoriais).

> **GREVES questionam o fundamental dos planos neoliberais: o arrocho salarial**

A experiência com o neoliberalismo levou à vitória eleitoral de Lula. As massas esperavam que seus problemas de salário e emprego fossem resolvidos com o governo do PT.

Mas, agora, o crescimento econômico dá mais segurança aos trabalhadores para as lutas salariais. Por outro lado, a confiança das massas na CUT e no PT caiu muito. Enquanto o PT aplica um plano neoliberal (mais duro que o de FHC), a CUT tenta segurar as lutas. Os dirigentes sindicais da maioria da CUT são os novos pelegos. A recuperação parcial da aprovação do governo, que veio com o crescimento econômico, se dá nas parcelas mais despolitizadas dos trabalhadores. Nos setores de ponta do movimento sindical predomina a desconfiança no governo e em seus representantes, da CUT.

É esta combinação de fatores econômicos e políticos que favorece as greves, e as rebeliões das bases contra as direções, como na greve bancária.

O GOVERNO LULA QUER DERROTAR AS GREVES

O governo está atuando para derrotar as greves, porque elas questionam o fundamental de qualquer plano neoliberal, o arrocho salarial. Por isto, a direção do BB e da CEF (indicadas diretamente por Lula) atuam com a Fenaban. Isso também explica a repressão policial à greve e por que a direção da CUT faz de tudo para frear as mobilizações e evitar sua unificação.

Mesmo assim, as greves estão explodindo. Pode ser que estejamos vivendo o início de um grande processo de lutas, da dimensão do vivido com as grandes greves da década de 1980, com enormes repercussões sindicais e políticas. Ou pode ser que não. Só a evolução da realidade confirmará uma dessas hipóteses. Mas é muito importante que todos os setores do movimento sindical apóiem essas mobilizações, porque o seu resultado concreto influenciará o desenvolvimento das próximas lutas.

PSTU, O PARTIDO DAS LUTAS

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

As greves são uma escola para os trabalhadores. A experiência prática da luta, alterando radicalmente a rotina de exploração cotidiana, provoca várias mudanças em sua consciência. Uma delas é se reconhecer enquanto classe trabalhadora, que enfrenta os patrões.

É através desta experiência viva dos trabalhadores que a consciência de classe evolui. Mas sobre esta consciência atuam também os partidos, as direções sindicais e a imprensa. A maioria absoluta das interferências desses setores é para fazer com que os trabalhadores não evoluam em sua consciência, e sigam aceitando sua exploração.

Durante toda a década de 1980, por exemplo, os trabalhadores com suas greves avançaram em uma consciência classista, identificando os patrões como seus inimigos. O próprio PT, que cresceu nessa onda, cuidou de desmontar isso, a partir da década de 1990, fazendo alianças eleitorais com partidos burgueses. Ocorreu então um retrocesso nessa consciência classista, que agora pode se recompor com o novo ciclo de greves.

Mas muitos obstáculos se colocam nesse caminho. Um deles é a separação que toda a imprensa, os partidos burgueses e o PT tentam fazer entre a luta sindical e a política. Assim, os trabalhadores bancários lutam contra os banqueiros, mas deveriam votar nos partidos de seus patrões (PSDB e PFL) nas eleições. Ou ainda, se enfrentam com o governo Lula, mas deveriam votar no PT. O problema é que uma vitória eleitoral desses partidos reforça o poder dos banqueiros, sua postura dura nas negociações. Uma derrota desses partidos facilitaria a vitória das greves.

O **PSTU** é hoje o partido das lutas, das greves, como foi o PT no passado. Não só apoiamos as mobilizações dos trabalhadores, como dedicamos nossos programas de TV a elas, e ali concentramos as nossas forças, ao contrário dos outros partidos que só estão interessados em suas campanhas eleitorais. Para nós, o que muda a vida são as lutas dos trabalhadores, e não as eleições. Por isso, estamos envolvidos com as principais greves do país, e nossos militantes são, muitas vezes, dirigentes das mesmas. A eleição de vereadores do **PSTU** seria o fortalecimento das lutas, e de uma alternativa de esquerda revolucionária.

Outro preconceito, muito difundido, é o de que "todos os partidos são iguais". A experiência com o PT e com seu governo ampliou esse ceticismo. Mas isso só reforça os partidos dominantes, como o próprio PT e a oposição burguesa. Ao não se construir uma alternativa político-partidária, esses partidos seguem reinando.

O **PSTU** não é igual aos outros partidos, e não será um outro PT no futuro. Nosso programa, ao contrário do programa do PT, não é a adequação à democracia burguesa, mas a revolução socialista. A eleição de um candidato nosso significa um ponto de apoio para as lutas dos trabalhadores. Por isso, os candidatos do **PSTU** assinaram um termo de compromisso de receber, caso sejam eleitos, o mesmo salário que tinham antes das eleições. Isso significa que um vereador do **PSTU** seguiria tendo o mesmo padrão de vida, a mesma vinculação com as lutas diretas dos trabalhadores.

É preciso combinar a luta direta dos trabalhadores com o apoio político eleitoral ao partido das lutas. Vote 16 e ajude a eleger vereadores do **PSTU** em sua cidade. Ajude a construir uma alternativa de esquerda revolucionária dos trabalhadores.

FOTO ALEX LEME
Bandeiras do PSTU no ato dos trabalhadores do Judiciário de São Paulo

A MAIOR GREVE DA HISTÓRIA DO JUDICIÁRIO PAULISTA

APESAR da direção do movimento e da repressão, servidores pararam 91 dias e arrancaram 14%

FOTO ALEX LEME

Trabalhadores do Judiciário paulista fazem ato contra a manifestação patronal da OAB

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Uma mistura de comoção e indignação marcou a assembléia que suspendeu a greve dos servidores do Judiciário paulista, no dia 27. Além do arrocho salarial, os trabalhadores do Judiciário convivem com a falta de equipamentos e pressões para cumprir os prazos, apesar da precariedade das condições de trabalho.

Para repor as perdas dos últimos anos, os servidores reivindicavam 39,19% de reajuste. Em junho, o presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, desembargador Elias Tâmbara, ofereceu 26,39%, o que foi aceito pelo movimento. Porém, o juiz recuou para 10%, o que fez os servidores deflagrarem o movimento grevista.

MOVIMENTO PELA BASE ENFRENTA REPRESSÃO

A greve foi construída pela base da categoria, passando por cima das associações. Porém, a truculência e a repressão foram proporcionais à força do movimento. O ministro do Superior Tribunal de Justiça, Edson Vidigal, pregou a imediata demissão dos grevistas. *"Demite um por um, manda todo mundo embora e convoca um novo concurso"*, vociferou em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*. Ele também defendeu uma intervenção federal para pôr fim à greve.

Despindo-se da máscara democrática, a OAB chegou a realizar um ato público, no mesmo dia 27, contra a greve. Para isso, teve o apoio do recém-eleito presidente da Fiesp, Paulo Skaf, da Associação Comercial de São Paulo e da Federação Brasileira dos Bancos, a Febraban. A OAB conseguiu reunir o conjunto do patronato para atacar a greve. Os grevistas, por sua vez, fizeram um ato paralelo para denunciar a manifestação da OAB.

Na última semana, Tâmbara fez a proposta final de 14% de reajuste, ameaçou descontar os dias parados e determinou a abertura de processo administrativo, primeira medida para demitir os grevistas. Diante do extremo autoritarismo, o movimento sofreu um tremendo baque.

A assembléia que suspendeu a greve também aprovou a manutenção da Comissão de Greve, que negociará com o Tribunal a reposição dos dias parados. Os servidores defendem que os trabalhos sejam repostos através de mutirão, porém o Tribunal insiste no desconto, o que mostra claramente que, entre punir os grevistas e agir para que os processos parados sejam retomados, o Tribunal prefere o primeiro.

Os servidores marcaram uma nova assembléia para o dia 8 de outubro e um indicativo de retomada da greve, caso o Tribunal não recue com os processos administrativos. Os servidores estão impulsionando a criação de um sindicato de luta, como alternativa às associações pelegas.

ENCONTRO NACIONAL

Ocorrerá, nos dias 9 e 11 de outubro, o 4º Encontro Nacional dos Trabalhadores da Justiça, em Curitiba. Serão discutidos temas como as reformas Sindical, Trabalhista e Universitária.

ABC

ABC luta por universidade pública

***REGIANE MOURA**, do ABC*

A luta pela universidade pública gratuita no ABC tem mais de 30 anos. O PT diz que fará uma universidade federal, mas quer fazer dela um projeto-piloto da reforma Universitária. Não é essa a federal que queremos! A necessidade de uma universidade está sendo utilizada como bandeira eleitoral pelo PT. O Consórcio Intermunicipal, o MEC e os industriais da região definiram que a universidade teria cursos semi-presenciais, autonomia financeira e com o ensino voltado para a indústria petroquímica.

No dia 23 de agosto aconteceu a maior das audiências públicas sobre a Ufabc, na Câmara Municipal de Santo André. A câmara foi tomada por mais de 250 estudantes e trabalhadores. Houve intervenções no plenário em defesa do caráter público da universidade. A UJS, representando a UEE e a UPES, defendeu o governo Lula e o programa Universidade para Todos. Mas os estudantes defenderam firmemente a federalização das autarquias e das fundações municipais, e se posicionaram contra a reforma Universitária. Além disso, no 1º Encontro de Estudantes do ABC foi tirado um abaixo-assinado em defesa da federalização.

O encontro, ocorrido no último dia 18, reuniu cerca de 100 estudantes e também discutiu a organização da Conlute e o apoio ao Encontro Estadual, por entender que a UNE já não fala em nosso nome.

NO FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, NO DIA 27, OS PROFESSORES DE SANTA CATARINA INICIAVAM UMA GREVE, APROVADA EM ASSEMBLÉIA REALIZADA NO DIA 21. ELES REIVINDICAM QUE O GOVERNO ESTADUAL REPONHA AS PERDAS SALARIAIS.

RIO DE JANEIRO

Greve de servidores da UERJ completa 100 dias

***YARA FERNANDES**, da redação*

FOTO SAMUEL TOSTA

Repressão a manifestantes no Palácio Guanabara

Os servidores técnico-administrativos da UERJ realizam uma heróica greve há 100 dias. O movimento grevista se mantém firme, mesmo com a intransigência do governo e com a repressão aos manifestantes.

Os funcionários reivindicam reajuste salarial para reposição de perdas, plano de carreira e a defesa da universidade pública contra os cortes de verbas. Desde o início da greve, o movimento realizou atos e está construindo a unidade com os outros setores do funcionalismo. Para forçar a abertura da negociação, os servidores fizeram uma ocupação de 28 dias no prédio da diretoria de Informática.

Após a desocupação, os servidores apostaram na unificação com o funcionalismo público estadual. Retomando o Movimento Unificado dos Servidores Públicos Estaduais (Muspe), os servidores fizeram um ato em frente ao Palácio Guanabara no dia 16 de setembro. Esse ato mostrou a força do funcionalismo e foi brutalmente reprimido pela força policial do estado.

Os servidores, porém, demonstraram que não se intimidam e que a luta seguirá até a vitória. Ocuparam o plenário da Assembléia Legislativa, no dia 21, para pedir a intervenção dos parlamentares pelo atendimento às suas reivindicações.

No dia 30 de setembro, a greve completa 100 dias e haverá uma assembléia comemorando essa luta. Os servidores demonstram um heroísmo sem igual, pois a disposição é a mesma da dos primeiros dias. Apesar da intransigência do governo estadual, a greve se mantém e se fortalece, pautada na unidade do funcionalismo.

UM JORNALISMO DEDICADO À REVOLUÇÃO SOCIALISTA

REED não esconde a sua paixão e o seu entusiasmo pelos acontecimentos revolucionários

CECÍLIA TOLEDO, da redação

"Com imenso interesse e igual atenção li, até o fim, o livro Dez Dias que Abalaram o Mundo, *de John Reed. Recomendo-o, sem reservas, aos trabalhadores de todos os países".* Fazemos nossas, também sem reservas, essas palavras de Lenin. John Reed foi um dos mais importantes jornalistas do mundo e mostrou que o jornalismo só alcança sua verdadeira função quando colocado a serviço da luta dos trabalhadores.

Para quem quiser saber o que foi a Revolução Russa, nada como ler o livro de John Reed. Escrito no estilo do jornalismo literário, Reed alcança a perfeição em sua obra ao combinar o mais puro jornalismo com um leve toque romanceado, que não esconde sua paixão e seu entusiasmo pelos acontecimentos revolucionários. O livro foi tão fiel aos fatos que mereceu um prefácio escrito por Lenin, em 1919, dizendo que ele *"certamente ajudará a esclarecer o problema do movimento operário internacional"*.

John Reed nasceu nos EUA, em 1887. Filho de família tradicional, e acomodada, optou em seguir por outros caminhos. Com grande talento para as artes e as letras, rebelde e de espírito aventureiro, formou-se em Harvard em 1910. Começou a trabalhar como jornalista em uma revista comercial, mas rebelou-se contra o estilo de vida burguês que levava e, em 1913, uniu-se a um grupo de artistas e escritores socialistas que editavam a revista *The Masses*.

O ano de 1913 ainda não tinha terminado e John Reed já embarcava para o México, como correspondente de guerra. Viveu durante vários meses com as tropas do rebelde Pancho Villa e, em 1914, a cobertura que fez da Revolução Mexicana saiu publicada em livro, com o título de *México Rebelde*.

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

Mas foi com *Dez Dias* que John Reed tornou-se conhecido mundialmente. Este é um dos primeiros livros-reportagem que conhecemos na história da imprensa. Trata dos dias e momentos decisivos da revolução bolchevique na Rússia, em outubro de 1917. Foi a principal cobertura feita por John Reed em sua vida de repórter. Já no título, o repórter procura refletir sobre o que realmente foi a revolução, algo que abalou o mundo tamanha a sua complexidade e extensão.

John Reed cobriu os dez dias decisivos da revolução, quando os operários tomaram o poder, dirigidos pelo Partido Bolchevique de Lenin e Trotsky. No prefácio que escreveu ao livro, em 1919, John Reed deixa claro o período que cobriu: *"Este livro é um pedaço da História, da História tal como eu a vi. Não pretende ser senão um relato detalhado da Revolução de Outubro, isto é, daqueles dias em que os bolcheviques, à frente dos operários e soldados da Rússia, apoderaram-se do poder e o puseram nas mãos dos sovietes"*.

> **"A APARENTE tranqüilidade das cidades contrastava com a grande agitação entre os trabalhadores"**

Enquanto a revolução se aproximava, a vida parecia transcorrer tranqüila nas grandes cidades. O repórter não deixa passar:

"É claro que os teatros funcionavam sem interrupção todas as noites, inclusive aos domingos (...) Grande número de mulheres intelectuais assistia às conferências sobre arte, literatura ou temas filosóficos para principiantes. (...) a vida convencional e fútil da cidade seguia o seu curso, ignorando a revolução tanto quanto possível. Os poetas faziam versos, mas não sobre a revolução. Os pintores realistas pintavam cenas históricas da Rússia Medieval, mas não reproduziam um só aspecto da revolução. As mocinhas das províncias continuavam chegando à Capital para aprender francês e estudar canto".

Reed lembra que a Rússia enfrentava o pior racionamento de gêneros alimentícios, e que, para comprar leite, pão, açúcar e fumo era necessário esperar numa fila durante horas seguidas. Mas as *"mulheres da pequena-burguesia saíam todas as tardes para o passeio ou o chá, levando consigo o minúsculo açucareiro de ouro ou prata e um pãozinho escondido no regalo, repetindo nas conversas fúteis que faziam votos pela volta do czar e pela entrada dos alemães na Rússia. Ou que pelo menos aparecesse alguém capaz de solucionar o problema das criadas"*.

Reed não deixa passar a nota bem-humorada: *"A filha de um amigo meu chegou um dia à minha casa sufocada de indignação porque uma mulher, condutora de bonde, a havia chamado de camarada"*.

A tranqüilidade da "vida normal" era apenas aparente. Do outro lado da cidade, era uma agitação infinita, uma disputa de idéias e de posições políticas. *"Durante vários meses"*, diz Reed, *"em Petrogrado, e em toda a Rússia, cada esquina era uma tribuna pública. Nos trens, nos bondes, em toda parte, repetidamente, surgiam polêmicas e discursos"*.

Nesse clima, o direito à informação, à leitura, ao conhecimento era um dos mais reivindicados pelos trabalhadores, camponeses e soldados. *"A sede de instrução, durante tanto tempo insatisfeita, lançou a Rússia num verdadeiro delírio de manifestação de idéias"*. O jornal assumiu um papel de primeira linha, sendo disputado com avidez pela população.

"Em cada cidade, em cada povoado, nas trincheiras, cada agrupamento político possuía o seu jornal (...) e a Rússia absorvia livros, manifestos e jornais como a areia suga a água. Era insaciável. E não eram fábulas, história falsificada, religião diluída ou novelas corruptoras, mas teorias econômicas e sociais, filosofia, obras de Tolstoi, Gogol e Gorki", relata John Reed. Essa sede de conhecimento e de informação, que fez do jornal e do livro instrumentos verdadeiramente revolucionários, produziu momentos de intensa emoção no repórter. Um dos mais extraordinários ficou registrado ao final do primeiro capítulo do livro, uma cena que a sensibilidade de Reed permitiu captar e que compõe um retrato fiel do que foi a Revolução:

"Fui visitar postos avançados do 12º Exército, perto de Riga, onde os soldados extenuados, descalços, adoeciam no lodo das trincheiras. Quando me viram, esses homens macilentos, com o sofrimento estampado nas faces, padecendo o frio e a umidade que penetravam pelos vãos abertos nas vestes esfarrapadas, correram para mim, perguntando ansiosos: 'Você trouxe algo para se ler?'"

OUTRAS OBRAS DE REED

Além de "México Rebelde" e "Dez Dias que Abalaram o Mundo", John Reed escreveu "A Guerra dos Bálcãs", cobertura jornalística que fez da Primeira Guerra Mundial, e a coletânea de contos "A Filha da Revolução". Acaba de sair pela Editora Boitempo "Eu Vi um Mundo Novo Nascer", pequena autobiografia na qual ele descreve com riqueza de detalhes, e numa narrativa muito interessante, seus primeiros anos como jornalista e seu entusiasmo pela Revolução socialista. Vale a pena!

POR QUE SER MILITANTE DE UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO?

DENIOR MACHADO E WILLIAM FELIPPE, da Secretaria Nacional de Formação e Propaganda

Leitores deste jornal e piqueteiros das greves que estão ocorrendo no país, como a dos bancários, professores, trabalhadores do Judiciário, já devem ter sido convidados a entrar no PSTU. É natural, portanto, que se perguntem por que é necessário militar em um partido revolucionário?

Quando um jovem ou trabalhador resolve partir pra luta, seja numa greve ou numa manifestação pelo passe-livre ou contra a reforma Universitária, ele já começa a avançar em sua consciência política. A própria luta o impele a participar nas reuniões e assembléias do sindicato, do grêmio ou do centro acadêmico. Se a direção da entidade está contra a luta, o ativista logo vê a necessidade de se organizar numa oposição sindical ou estudantil. No entanto, quando a questão é se organizar num partido, aí surgem grandes dúvidas: não é suficiente apenas organizar-se no sindicato ou na oposição sindical? Os partidos não são apenas máquinas eleitorais para eleger parlamentares? A traição e degeneração dos Partidos Comunistas, e agora do PT, não demonstram que todos os partidos são iguais e não levam a nada?

Da resposta a essas questões depende a construção de uma nova direção revolucionária para as lutas que crescem no país.

NÃO BASTA SE ORGANIZAR APENAS NO SINDICATO

A organização sindical é muito importante: a participação nos comandos e nos piquetes de greve, a organização das oposições às diretorias pelegas etc. Porém, a organização sindical não é suficiente para defender nossos interesses e conquistar nossas reivindicações.

Tomemos como exemplo um ativista dos bancários: na greve ele aprende que não basta lutar apenas contra seu patrão banqueiro, porque do lado do banqueiro estão todos os outros capitalistas, o FMI e o governo Lula. No mesmo lado estão as leis que impõem o arrocho salarial, a terceirização e o desemprego. E também a polícia e a "Justiça" burguesas, com seus cassetetes e "interditos proibitórios". O ativista conclui, então, que a conquista de um bom salário e de uma vida digna não serão alcançados sem lutar contra todos esses inimigos coligados, e depende da transformação política da sociedade, o que não é possível apenas com a luta sindical. Conclui que a luta e a organização sindical são apenas o primeiro passo da conscientização política e que é preciso avançar.

DIEGO RIVERA, 1934 - O HOMEM CONTROLA O UNIVERSO (DETALHE)

UMA MÁQUINA DE LUTA E NÃO ELEITORAL

É desta realidade da luta de classes que surge a necessidade de militar num partido político revolucionário, que tenha como objetivo organizar todos os setores dos trabalhadores e da juventude para a luta contra a exploração e a opressão capitalistas. Um partido que seja uma ferramenta para a luta de classes e para a revolução, e não uma máquina eleitoral como o PT.

A democracia burguesa é um jogo de cartas marcadas. Aqueles que propõem o fim da exploração capitalista jamais poderão conquistar o poder dentro desse regime, por mais que elejam parlamentares. Mesmo quando se conquista algum cargo, as leis foram feitas para defender a propriedade privada dos capitalistas.

Para mudar tudo isso é necessários a luta direta da classe trabalhadora. O partido revolucionário é necessário para a condução dessas lutas até a revolução, para a conquista do poder para os trabalhadores e todos os oprimidos. Qualquer cargo conquistado em eleição deve ser colocado a serviço desta luta revolucionária.

O PSTU NÃO VAI TORNAR-SE UM NOVO PT?

O **PSTU** vem se fortalecendo como uma ferramenta para a construção do partido revolucionário no Brasil.

Mas, muitos companheiros, na medida em que viram que o PT, quando ficou grande, afastou-se totalmente do socialismo, perguntam, com uma preocupação justa, se não é inevitável que isso ocorra também com o **PSTU**.

Nenhum partido está imune às pressões da democracia burguesa. O **PSTU** se constrói com base em princípios e com um programa totalmente diferente do PT, dando um combate permanente contra o oportunismo e o carreirismo.

Primeiro, temos um programa socialista, ao contrário do PT, que nunca colocou a tarefa da revolução, a necessidade de destruir o capitalismo e substituir a democracia burguesa pela democracia proletária.

Segundo, os militantes do **PSTU** não fazem carreira nem buscam benefícios pessoais. Os que têm algum cargo, seja em sindicatos ou parlamentos, não ganham nada mais do que o seu salário de trabalhador. Todo o dinheiro que recebem a mais é destinado ao partido para intervir nas lutas.

Terceiro, existe no **PSTU** o centralismo democrático, uma grande democracia interna e uma unidade total na ação. Os sindicalistas e os parlamentares colocam seus mandatos a serviço do partido, e têm o compromisso de acatar suas decisões. São controlados pela militância e não se sobrepõem a ela, como acontece no PT.

Por fim, não nos aliamos a partidos burgueses, nem aceitamos nenhuma "colaboração" de nossos inimigos de classe.

Ao contrário do **PSTU**, o partido fundado por Heloísa Helena, o P-SOL, ao não se construir com base nesses princípios e programa revolucionários, torna-se cada vez mais parecido com o que tem de pior no PT: o eleitoralismo, o mandonismo dos parlamentares e o apoio a políticos burgueses.

Organização sindical e política

A organização sindical e política dos trabalhadores quase sempre caminhou lado a lado. No Brasil, no início do século XX, ao mesmo tempo em que os trabalhadores começaram a organizar sindicatos, era fundado o Partido Comunista do Brasil, que viria a ser por muitas décadas a principal organização política do jovem proletariado brasileiro. A política stalinista do PCB, e depois do PCdoB, de aliança com a burguesia e apoio aos pelegos no movimento sindical, levou em 1964 à derrota do movimento operário.

Na década de 1980, o movimento operário e de massas ressurge das cinzas da ditadura militar criando novas organizações sindicais e políticas para a luta: surgem as oposições sindicais e a CUT, e o seu "braço político", o PT.

Hoje, estamos vivenciando uma nova reorganização do movimento sindical e político dos trabalhadores. As greves que vêm ocorrendo são o palco principal dessas mudanças. Os velhos dirigentes sindicais da CUT, hoje, estão contra as lutas e do lado dos capitalistas e do governo Lula. O PT transformou-se num partido de traidores, que usam os trabalhadores como curral eleitoral para subir ao poder e lá governam contra o povo pobre. A traição e a crise da CUT e do PT são duas partes de um mesmo processo de mudanças.

O principal desafio dos trabalhadores conscientes é construir as novas organizações sindicais e políticas que seguirão levantando as bandeiras da luta contra a exploração e a opressão. Esse processo já começou no terreno sindical, com a construção das oposições sindicais, da Conlutas e da Conlute, e no político com a construção do PSTU.

Aos jovens e trabalhadores conscientes, renovamos o nosso chamado: venha ser militante do PSTU!

RESISTÊNCIA CRESCE E FAZ BUSH APELAR À OTAN

ESSA É UMA FORMA de envolver diretamente no conflito países como a França, a Alemanha e a Bélgica

CECÍLIA TOLEDO, da redação

A situação no Iraque está cada vez mais crítica para as tropas invasoras. Não só as ações das milícias estão aumentando, mas regiões inteiras do país estão sendo liberadas e já ameaçam o plano imperialista de realizar eleições em janeiro. O imperialismo norte-americano apelou para a Otan (aliança militar ocidental liderada pelos EUA), que irá criar uma academia de treinamento militar perto de Bagdá, expandindo sua presença no Iraque de 40 para 300 militares. Bush está com medo de que o governo fantoche de Iyad Allawi não consiga resistir até janeiro, quando haverá eleição no Iraque para consolidar a "democracia". As forças são para protegê-lo: *"Embaixadores da Otan concordaram em aumentar sua assistência ao governo do Iraque no treinamento de suas forças de segurança"*, disse o porta-voz da organização, James Appathurai. De certa maneira, é uma forma de voltar a envolver diretamente no conflito os países que se mantiveram, estrategicamente, "contrários" a ele, como França, Alemanha e Bélgica. A academia da Otan terá também a missão de formar um exército totalmente fiel ao imperialismo. Treinará oficiais iraquianos de alta e média graduação, exatamente como fez na América Latina durante os regimes militares.

Enquanto isso, uma onda de seqüestros vem ocorrendo no Iraque, aumentando a pressão sobre os países que mantêm suas tropas lá, como Itália, Reino Unido e os próprios EUA, e mostrando as dimensões do ódio que os invasores despertam.

PLANO B EM PERIGO

O grande problema do imperialismo é que a guerra no Iraque está sendo travada nas trincheiras, com milícias cada vez mais equipadas e buscando avançar sobre os invasores de todas as maneiras, inclusive com seqüestros, para criar um fato político. Bush quer urgentemente virar esse jogo, e lança mão de um plano B, canalizando o conflito para o terreno das eleições, como forma de desmobilizar as milícias e ganhar seus dirigentes para a disputa parlamentar, como já conseguiu com Al Sadr em Najaf.

Mas não está nada fácil. Inúmeros fatores conspiram contra a eleição. As regiões controladas pelas milícias rebeldes ameaçam não participar da votação. As várias facções de aiatolás se enfrentam por uma maior fatia do petróleo. Entre eles, o líder xiita mais importante, Ali Al Sistani, vem tentando adiar as eleições para ver se consegue aumentar o espaço dos xiitas no cenário político, hoje totalmente dominado pelos clérigos que apóiam os americanos. Sem contar que o presidente interino, Iyad Allawi, está cada vez mais desgastado, sendo visto por toda a população como um agente de Bush. Isso, no momento em que o imperialismo mais precisa dele para conduzir um processo eleitoral com um mínimo de credibilidade junto à população.

Esses entraves ao plano B de Bush constituem uma vitória da enorme resistência por parte dos iraquianos ao controle de seu país pelo imperialismo e a expropriação do petróleo. Somente a generalização dessa luta e a não-confiança nas eleições, uma armadilha para desarmar a população e as milícias, poderá mudar alguma coisa no Iraque e fazer surgir uma verdadeira direção revolucionária que consiga unir as massas na tarefa urgente de expulsar o imperialismo de seu território.

Manifestantes comemoram destruição de veículo militar dos EUA no Iraque

FRANÇA

CHIRAC PROÍBE O VÉU E MOSTRA A CARA

O GOVERNO FRANCÊS diz defender o princípio democrático da separação Igreja-Estado. Mas por que isso agora?

CECÍLIA TOLEDO, da redação

Apesar de defendermos o direito de cada um professar a religião que queira e usar seus símbolos, não somos passivos. Como marxistas, somos contra os ritos religiosos que oprimem e humilham as pessoas, subordinando-as à ordem existente. Por isso somos contra o véu e também as práticas obscurantistas que caracterizam algumas religiões e as levam a cometer barbaridades. Como, por exemplo, a campanha da Igreja Católica contra o aborto, a biogenética e o uso da camisinha (que evitaria a devastação de regiões inteiras na África pela Aids).

PERSEGUIÇÃO CONTRA OS MUÇULMANOS

Num momento em que o imperialismo trava uma guerra contra o Iraque pelo controle de seu petróleo, a atitude da França, antes de qualquer coisa, é uma atitude política que colabora para aumentar o preconceito contra os povos muçulmanos.

A lei não proíbe apenas o véu, mas símbolos religiosos ostensivos. No entanto, as muçulmanas são as mais afetadas, porque são obrigadas pelo Corão a usar o véu. O véu islâmico é um elemento tradicional da cultura muçulmana. A proibição de seu uso tem a ver com a política do imperialismo de integrar os muçulmanos ao restante da população ou dar a eles uma identidade cultural puramente francesa.

A esquerda francesa em geral está a favor do governo. Isso é uma vergonha, porque não

se trata de defender a liberdade da mulher. O que o imperialismo faz é buscar quebrar a resistência dos povos árabes, atacando seus símbolos.

A esquerda e as feministas estão se deixando enganar. Com a lei, não virá a liberdade tão sonhada. Trata-se de usar um problema secular da relação mulher-religião contra os muçulmanos. Hoje, a França tem a maior comunidade muçulmana da Europa, cerca de cinco milhões de pessoas. Inclusive, grande parte da classe operária francesa mais combativa é formada por trabalhadores argelinos e de outros países islâmicos. É contra eles que vem essa lei.

A LUTA DEVE SER DAS PRÓPRIAS MULHERES MUÇULMANAS

É muito difícil que uma menina usando o chador (véu) na escola prejudique a separação Igreja-Estado. Esse é apenas o álibi do governo francês para justificar uma campanha internacional contra tudo o que tenha a ver com os países árabes e os povos muçulmanos. Os muçulmanos têm sido vítimas de todo tipo de preconceito e humilhação. São sempre os primeiros suspeitos e barrados em aeroportos, como acaba de acontecer com o cantor Cat Stevens, por ser muçulmano. Agora, o governo francês posa de guardião dos direitos humanos.

Dentro das escolas francesas, as mulheres muçulmanas encontrariam a igualdade de gênero. Mas se enganam aqueles que acreditam nisso. Serão as próprias mulheres muçulmanas, com suas lutas, que irão se conscientizar e superar suas travas, e não um governo imperialista que irá liberá-las. Acreditar nisso é o mesmo que achar que os EUA invadiram o Afeganistão porque estavam preocupados em liberar as mulheres das burcas impostas pelo Taleban.

É NAS LUTAS DOS TRABALHADORES QUE VOCÊ ENCONTRA OS CANDIDATOS DO PSTU

WILSON H. DA SILVA*,
da redação

País afora, o PSTU não apresentou somente candidatos e candidatas para concorrerem às eleições. Apresentamos lutadores, piqueteiros, ativistas dos movimentos sociais e dirigentes sindicais que estiveram à frente das principais mobilizações que ocorreram no país.

DIRCEU TRAVESSO

Dirigente, pela Oposição, do Sindicato dos Bancários
Candidato a prefeito, São Paulo (SP)

"Foi impressionante viver diretamente a rebelião das bases contra a direção do sindicato. Isso nunca aconteceu assim aqui. Vai ficar na memória de todos que foi a oposição bancária quem parou São Paulo.

Olhe, eu fiquei emocionado quando a polícia chamada pelos banqueiros me prendeu e todos os funcionários da Nossa Caixa desceram para repudiar a violência.

Os banqueiros têm a seu lado o governo, a polícia, a grande imprensa. Nós temos o apoio dos que sofrem as conseqüências dos juros altíssimos."

CYRO GARCIA

Dirigente do Sindicato dos Bancários
Candidato a vereador, Rio de Janeiro (RJ)

"A reta final da campanha está sendo marcada pela cassação aos nossos programas de TV. O TRE concedeu 'direitos de resposta' ao prefeito César Maia (PFL). Na prática, isso pode significar a perda dos programas que teríamos. Algo que não pode ser encarado como mera coincidência, principalmente agora, quando as lutas estão se acirrando e nossos programas de TV e rádio são os únicos que abrem espaço para os trabalhadores.

O que os partidos burgueses e a 'Justiça' querem é tentar nos calar, porque, levamos para a TV a greve bancária, os dirigentes das lutas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, dos petroleiros em luta contra o leilão da Petrobras, dos camelôs, dos trabalhadores da educação e tantos outros setores. No entanto, já deixamos um recado: nas ruas, ninguém nos calará."

ATENÁGORAS LOPES

Presidente licenciado do Sindicato da Construção Civil
Candidato a prefeito, Belém (PA)

"Em Belém, tivemos uma greve na minha categoria, a construção civil, durante 15 dias. Foi incrível, a maior mobilização em anos e anos. Sacudimos a cidade, com passeatas dos peões da construção. Muitos deles nunca tinham feito greve, e se sentiam o máximo percorrendo as ruas. Os peões entenderam que a luta vai para além da greve e, também das eleições."

LUIZ CARLOS PRATES, O MANCHA

Presidente licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos
Candidato a prefeito, São José dos Campos (SP)

"Em São José, nossa campanha nasceu no chão das fábricas, na ocupação dos sem-teto do Pinheirinho, nos piquetes nas portas dos bancos, e onde quer que houvesse alguma luta por melhores salários e condições de vida.

Entre os metalúrgicos, a campanha acabou se transformando num instrumento importante para ajudar a arrancar os 9,57% que conseguimos, o maior aumento em 10 anos. Uma importância reconhecida pelos trabalhadores, que estão organizando 'correntes' para pedir o voto para a minha candidatura e dos demais candidatos do PSTU."

GILMAR SALGADO

Dirigente do Sindicato dos Trabalhadores de Água e Saneamento
Candidato a prefeito, Florianópolis (SC)

"Florianópolis está sendo varrida por sucessivas ondas de lutas. Em setembro, quando uma passeata promovida pela Associação dos Praças e Soldados (em luta salarial), com o apoio de estudantes que lutam pelo passe-livre, praticamente fechou o acesso à ilha, eu fui o único candidato a prefeito presente. Bancários e servidores do Judiciário continuam paralisados. Os trabalhadores do serviço de águas estão em estado de greve. Os professores estaduais aprovaram a paralisação a partir desta semana. A campanha, agora, está na reta final, mas as lutas, não."

VANESSA PORTUGAL

Dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação
Candidata a prefeita, Belo Horizonte (MG)

"Enquanto os outros partidos levam para a TV o mundo da fantasia, nosso programa fala da realidade. O povo sabe que existem as greves, as lutas, mas só vêem os servidores estaduais da saúde, os trabalhadores em educação, os bancários em nosso programa. É como se disséssemos: chega de mentira, agora vamos falar de luta."

**Colaboraram Elton Correâ (PA), André Freire (RJ) e Antonio Donizetti (SJC)*